

# **Coordenação Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Médio 03 – Ceilândia: Diário de itinerância e construções para uma escuta sensível e coletiva da pesquisa**

**Julieta Borges Lemes  
Vânia Olária Pereira  
Aldemira Rodrigues do Nascimento**

**Resumo:** Essa investigação apresenta o caminho que está sendo trilhado para a construção de uma pesquisa-ação existencial radical com os professores e estudantes que trabalham na Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia-DF. Os alicerces dessa pesquisa têm como referência as experiências pessoais e profissionais das pesquisadoras, bem como os alicerces práticos elaborados por Barbier (1997). O principal instrumento de coleta de dados é o Diário de Itinerância das pesquisadoras que, semanalmente, estão presentes nas coordenações pedagógicas da escola. Percebe-se pela análise dos registros que há no campo de investigação certezas e incertezas, medos e alegrias. É nesse movimento da realidade que as pesquisadoras se colocam e, a partir desse enfrentamento, vão abrindo caminhos para uma escuta sensível e coletiva da pesquisa.

Palavras chaves: coordenação pedagógica, Educação de Jovens e Adultos, Escuta sensível, pesquisa-ação.

## **Visão de mundo e escolhas epistemológicas**

Os fundamentos epistemológicos da transdisciplinaridade nos levam não apenas à mudança de paradigmas para a investigação científica, mas também a uma atitude específica diante da vida e do mundo. Para Barbier (1997) a única maneira de conhecermos o mundo e a nós mesmo/as, nessa busca incessante de nossos mistérios e nossas profundezas abissais, é sentirmo-nos lucidamente pertencentes e engendrado/as em um jogo amplo de relações em que nos encontramos implicado/as com todos os demais elementos, tendo o universo como o limite para essas relações das quais tomamos parte. Assim, vemo-nos diante de um novo tipo de criação de conhecimentos, considerando o inviolável e o venerável de nossas vidas, nesse mundo. O sagrado (NICOLESCU, 2000) como espaço de conexão, de não resistência -, a noção de não separatividade e a lógica do terceiro incluído constituem-se em conhecimentos para além da dualidade positivista que, ao invés de distinguir, separa, perdendo-se da dimensão espiritual das coisas.

Além dos dois autores já citados, nesse momento de nossos estudos e investigações buscamos por princípios referendados por Maturana (1997), Morin (2000) e Dalai Lama (2006) para uma abordagem transdisciplinar - tanto para as análises e interpretações como para os procedimentos da pesquisa -, buscando inserir nosso trabalho em três grupos de pensamento desses autores, respectivamente: 1) **estruturas dissipativas** como emergência para as coisas e a conseqüente valorização da dimensão criativa artística para a criação de conhecimentos científicos; a valorização da **emoção e da corporalidade** para a compreensão dos fenômenos sociais; o **amor** - e não a razão - como a emoção fundante do agregamento social e de nossas preocupações éticas com os outros; 2) a **ecologia dos atos** e a responsabilidade do/a pesquisador/a; o **paradigma da complexidade** para uma abordagem transdisciplinar; a **razão aberta** e o valor das artes, dos saberes da tradição e do mito, para a criação de conhecimentos científicos; **a idéia de aleatoriedade** - tanto no objeto quanto no sujeito - e a arte, como estratégia de investigação; 3) uma compreensão mais holística dos fenômenos sociais investigados, intentando explorar o visível e o não-visível dos acontecimentos e suas imagens.

Para as imagens comuns e imagens da arte, buscamos também compreender suas virtualidades e seus futuros - suas figurabilidades - buscando uma composição epistemológica também com Didi-Huberman (1998). Buscamos pela capacidade de desenvolver tais princípios de forma a nortearmos nossas relações com o 'campo' e as relações com nossa própria vida.

A pesquisa-ação pode ser considerada o método por excelência para uma abordagem científica transdisciplinar e para nossa investigação formativa buscamos orientar-nos pelas noções: 1) de que nós e os sujeitos investigados somos semelhantes, da mesma espécie, efetivando, assim, uma real implicação em nossas posições para a construção de conhecimentos com o campo empírico; 2) uma construção de conhecimentos focada em uma metodologia que traz o fim - a mudança - como sua própria estratégia; 3) e uma mudança que se constitui em uma relação entre teoria e prática, com seu processo de elaborações teóricas para a elaboração de novas práticas.

Buscamos inserir nosso trabalho nas mudanças paradigmáticas com relação a modelos investigativos mais tradicionais, inclusive buscando distanciar-nos de modelos mais cartesianos de pesquisas-ação. Para esse intento buscamos autorizações na literatura já referenciada por este texto, mais especificamente pelo o demonstrado por Barbier (2004, p. 44) para uma pesquisa-ação existencial radical.

Nosso objetivo com a pesquisa-ação existencial radical é investigar como a arte e a integração disciplinar podem contribuir para a formação dos trabalhadores da Educação de Jovens e Adultos - EJA, contribuindo para mudanças intencionais planejadas coletivamente para essa modalidade de educação, na escola-campo; com esse método, consideramos que uma escuta sensível multirreferencial é imprescindível; para tanto, com esse trabalho, buscamos pelas mudanças, aprendizagens e desenvolvimento das condições pessoais necessárias; buscamos compreender o pensamento de René Barbier também por meio de Macedo (2012).

Objetivando uma ação pedagógica com os estudantes, buscamos aproximações também com a escola, o Centro de Ensino Médio 03/CEM 03, na cidade de Ceilândia – DF. Não poderíamos iniciar sem antes aproximar-nos dos professores efetivos e responsáveis pelas turmas, considerando que “não sendo os atores sociais idiotas culturais, a possibilidade de autoria vinculada às epistemologias sociais implicadas passa a ser uma realidade tão próxima quanto necessária” (MACEDO, 2012, p. 105).

Acreditamos ser necessário compreender os valores do grupo de professores responsáveis pelos estudantes, tentando compreender suas visões de mundo, seus objetivos e metas. Para nós é também esse um chão no qual deve ser negociada a pesquisa. Buscamos, primeiro, o credenciamento e as autorizações indispensáveis para uma pesquisa-ação – metodologia por excelência para a abordagem transdisciplinar -, visando uma composição, com os professores interessados, para as discussões, os planejamentos coletivos e a realização de ações pedagógicas com o/as estudantes. Concordando com a perspectiva de Macedo (2012, p.28), consideramos o valor de uma identificação entre nós, pois “o método é o prolongamento das escolhas do pesquisador, ao tratar com as ‘intimidades’ do fenômeno pesquisado, vinculando-as às suas”. Consideramos que o caminho se faz caminhando, entretanto inspirações teóricas e metodológicas claras moveram-nos até aquela sala de coordenação coletiva.

Para nossa investigação adotamos a técnica do diário de itinerância que, de acordo com Barbier (2004, p. 133) “corresponde totalmente à pesquisa-ação predominantemente existencial”. As reflexões deste texto têm como base nossas anotações escritas, imagéticas e os áudios capturados para o diário de itinerância, reflexões que são apresentadas a seguir.

## **Escuta sensível e partilha: diário de itinerância**

A escuta do outro significa também a escuta desse outro em mim [...]. Eu também me escuto, escuto minhas implicações.

Nossa primeira aproximação com a escola foi marcada por muita apreensão, pois no início do ano passado (2013) vivenciamos uma experiência, na mesma escola, em que o grupo de pesquisadore/as ficou excluído, ocupando um canto da escola, sem condições e as devidas autorizações para participarem de uma reunião geral com os professores, reunião que acontecia naquele dia escolhido pelo grupo para estarem na escola. Lembramo-nos que, meio sem saber o que fazer, compramos alguns doces e, junto com um ou dois colegas, saímos de nosso ‘esconderijo’ e buscamos uma aproximação: oferecemos-lhes os doces e nos surpreendemos com a reação dos professores, aceitando e retribuindo com sorrisos que nos pareceram sinceros, meio que acolhedores.

Contudo, no início desse ano, momento para o início dos nossos trabalhos com o campo da investigação, a memória daquela exclusão do grupo de pesquisa, na escola, foi o que tinha ficado de mais forte, nos deixando cautelosas e cada vez mais adeptas dos princípios de uma pesquisa-ação existencial, radical. O primeiro semestre de 2014 foi então destinado às aproximações iniciais com a escola e as construções para uma escuta sensível, sendo que somente uma das duas pesquisadoras envolvidas no projeto esteve presente aos três primeiros encontros com membros da equipe gestora e aos dois primeiros encontros com o coletivo dos professores. Assim, no segundo dia de uma etnografia em Ceilândia (11/03/2014) e depois de ler o livro “Pesquisa Ação”, de Barbier (2004), a pesquisadora presente a esses primeiros encontros encorajou-se e foi até à escola, à noite. A primeira pessoa com a qual se deparou, depois de entrar pelo portão, foi com o professor diretor da escola, que a cumprimentou e disponibilizou-se para uma conversa. O professor diretor da escola pareceu acolher nossa proposta de pesquisa-ação existencial radical e até disponibilizou-se para conversas regulares e outros encontros, possivelmente necessários, posteriormente. Informou à pesquisadora

sobre a dinâmica de reunião com os professores, para a coordenação pedagógica, as terças, quintas e sextas-feiras. As terças-feiras destinadas à coordenação coletiva com os professores da área de Ciências da Natureza e de Matemática (Biologia, Física, Química, Matemática e Ciências); as quintas-feiras destinadas à coordenação coletiva dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física e Artes); às sextas-feiras destinadas à coordenação coletiva dos professores da área de Ciências Humanas e Ensino Religioso, quando houver (Filosofia, Geografia, História, Sociologia). O professor diretor apresentou a pesquisadora para o supervisor pedagógico e para a professora de Línguas de Sinais, que a acolheu demonstrando-se interessados em conhecer melhor a proposta. Apresentou-a também ao professor e à professora responsáveis pela coordenação pedagógica com os professores do turno noturno, pessoas com as quais as pesquisadoras se relacionariam diretamente, inclusive abrindo as portas para a participação nas reuniões de coordenação pedagógica com os professores. Naquele momento a professora coordenadora estava ocupada, em sala de aula e o professor coordenador mostrou disponibilidade para conversar. Ele começou a conversa defendendo o positivismo em pesquisa e apresentando a adequação que vê para essa abordagem, relatando exemplos da Faculdade de Física da UNB. A pesquisadora ouviu, esclarecendo que a proposta de investigação está vinculada à UNB, mas à Faculdade de Educação, que pode ter algumas diferenças epistemológicas com a Faculdade de Física. Silenciosamente, tentou iluminar aquela práxis refletindo e considerando que a questão ali se tratava de “encontrar, na população submetida à investigação, as pessoas mobilizadas, os líderes de opinião, suficientemente interessados em uma ação ligada à reflexão” (BARBIER, 2004, p. 104).

No dia seguinte (12/03/2014), a pesquisadora chegou à escola e o professor coordenador estava ocupado, sentado em frente a um computador. Despediu-se, apenas confirmando o horário de coordenação coletiva: 3ª, 5ª e 6ª feiras. Ao menos conseguiu se fazer presente para esses dois primeiros encontros... Mas, como seriam os próximos? Os coordenadores (não conhecia a outra professora coordenadora) poderão ‘boicotar’ nossa presença? Como será com os outros professores? Conseguiria se encontrar com todos eles? Como equacionar seus problemas financeiros e familiares para estarem no CEM 03, três vezes por semana?

Esse quadro se reconfigurou rapidamente, logo no dia seguinte, à tarde, quando o grupo da pesquisa fez-se presente na escola. A pesquisadora teve um encontro imprevisto com a coordenadora pedagógica, logo após as oficinas e essa professora recebeu muito bem a proposta de buscar uma pesquisa-ação com os professores, utilizando o tempo dos encontros de “coordenação pedagógica coletiva orientada”, de quinze em quinze dias. Ela informou sobre a dinâmica para as reuniões e, gentilmente, entregou a pesquisadora presente àquele encontro uma cópia do horário e também uma cópia da lista de contatos da escola. A próxima reunião pedagógica com os professores estava marcada para o dia 25 de março, para a qual a pesquisadora foi convidada. Escolhemos as terças-feiras a partir da informação que obtivemos de que as reuniões de coordenação pedagógica das sextas-feiras contavam com poucos professores, não se encontrando ainda bem definida.

O primeiro encontro com aquele coletivo foi no dia 25 de março de 2013, com os professores das áreas de exatas e biológicas, no espaço/tempo das reuniões de coordenação pedagógica coletiva às terças-feiras. A pesquisadora presente a esse encontro estava pouco à vontade e com medo. Começou manuseando a caderneta de anotações em seu próprio colo, ao invés de deixá-la a mostra, em cima da mesa, no lugar ocupado. Um professor viu a caderneta e olhou para ela insistentemente, aparentemente mostrando-nos que a via. A caderneta então foi colocada visivelmente, em cima da mesa e esse gesto reflexivo, formativo, a ajudou a ir se constituindo ali, como pesquisadora.

Estavam presentes doze professores (dez homens e duas mulheres). A pauta foi composta por questões pedagógicas e administrativas, assuntos ordinários de uma escola. A pesquisadora acompanhou as discussões, silenciosamente. Ao final, pediu a palavra ao supervisor pedagógico, que coordenou aquela reunião, com a ausência dos dois professores coordenadores. Fez uma breve apresentação pessoal/profissional. Contou-lhes da intenção de realizar uma pesquisa-ação com o CEM 03. Falou-lhes que com esse tipo de investigação científica deve-se investigar também as próprias pesquisadoras, em um movimento auto-formativo para mudanças e aprendizagens.

Depois, com os registros em mãos, tentamos certo distanciamento e buscamos interpretações e análises do acontecimento, buscando enxergar os diferentes níveis de realidade, naquela mesa rodeada por doze professores e seus assuntos. Nossa percepção foi a de que a investigação foi bem recebida, com a proposta de uma pesquisa-ação

existencial radical. Mesmo depois de encerrada a reunião, a pesquisadora continuava com a sensação daqueles vários rostos/olhares, para ela, com alguns sorrisos afetuosos, lhe pareceu. Brincaram um pouco, fizeram perguntas. Sentiu-se bem entre eles, meio à vontade (mesmo meio apreensiva) entre suas brincadeiras e “humores de professor”; somos mesmo semelhantes, da mesma espécie. Por causa da origem goiana de uma de nós, foi apresentado a pesquisadora presente, de forma especial, um professor que antes morava em Goiânia. Este se sentou ao lado da mesma e conversaram um pouco sobre essa cidade. Dois ou três dele/as até deram palavras de boas vindas à pesquisadora, ao final.

Mesmo com esse resultado para o primeiro encontro, foram difíceis para nós os momentos (dias) que antecederam ao segundo encontro com os professores. Estávamos ansiosas e com medo e achamos necessário escrever uma espécie de planejamento. O plano foi o seguinte: 1) que a pesquisadora apresentasse a proposta inicial, que se constitui apenas em uma noção com o objetivo de utilizar a arte e a tecnologia como porta de entrada para a busca de um trabalho pedagógico coletivo com os estudantes, envolvendo diferentes disciplinas; esclarecendo que essa proposta inicial deverá ir se modificando e se complementando, com as possíveis participações de professores e estudantes, pois o objeto de pesquisa é uma construção coletiva e processual; 2) tentar ir reconhecendo quem realmente se identifica com a proposta - quem, por algum motivo, possa se envolver; Nosso sentimento foi para que chegássemos devagar, meio em silêncio, tentando conhecer... Dialogar com eles, sem gravações, para conhecer um pouco... Tentar uma convivência com ele/as...

Para o segundo encontro com os professores, dia 08/04/2014, a pesquisadora saiu às 17h30min da FE/UNB e chegou às 19h10min ao CEM 03. Pegou chuva e congestionamento, pelo caminho. Ao chegar, encaminhou-se ao supervisor pedagógico e este lhe falou que não haveria coordenação, pois os professores estavam fazendo um curso de formação. Foi grande e profunda a decepção e tristeza, mas a pesquisadora tentou disfarçar, querendo parecer ‘profissional’. Na sala da direção, onde estava, encontrou-se também um professor de Educação Física, que puxou assunto com ela e perguntou pelo seu trabalho. Em resposta a ele, a mesma falou que está buscando conhecer professore/as do noturno do CEM 03 que queiram utilizar a arte e a tecnologia como porta de entrada para a busca de um trabalho pedagógico coletivo envolvendo diferentes disciplinas. Ele respondeu falando das relações que vê entre as disciplinas de

Artes e Educação Física. Disse que naquele momento mesmo seus alunos estavam fazendo exercícios com o corpo, dança e dramatização e o quanto que isso, para ele, é arte também. A pesquisadora perguntou a ele se teria algum interesse em nossa proposta, ao que respondeu que, talvez, sim. Que poderia conversar com mais calma, depois, pois naquele momento estava em sala de aula. Informou que seu dia de coordenação coletiva é na quinta.

Em seguida entra na sala a professora coordenadora pedagógica. A pesquisadora levantou-se para cumprimentá-la, procurando não fazer daquele momento algo banal. Buscou por seu olhar, aproximando-se um pouco, entregando-se para aquele abraço que, a princípio, seria de longe e rápido, comum em momentos como esse. A presença e inteireza da professora, que pareceu também valorizar essa qualidade da comunicação pode ser sentida... Então, a pesquisadora falou assim, *en passant*: “hoje não tem coordenação, né, professora...?” Ao que ela respondeu: “Não, temos sim, os professores estão fazendo um curso de formação, venha comigo...”.

O curso em questão é uma política pública implementada pelo Ministério da Educação com o objetivo de minimizar ou superar os baixos índices de aprovação alcançados pelo Ensino Médio, de acordo com os dados do último Censo Escolar. O PNEM (Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio) prevê uma ajuda de custo para cada professor matriculado e para o coordenador pedagógico que tem a incumbência de promover entre o corpo docente o estudo dos cadernos, bem como o debate das questões pertinentes à realidade escolar. Esse curso acontece em parceria com a Universidade de Brasília e a EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação). O coordenador pedagógico participa de uma formação que acontece todas as segundas-feiras, em tempo integral e socializa com o grupo nos encontros quinzenais em todas as áreas de conhecimento. O curso acontece primeiramente com o estudo dos cadernos, que prevê um total de 12 (doze). Em seguida, o grupo é provocado a refletir a respeito de algumas questões e geralmente os debates são bem interessantes. Esse diálogo entre o grupo fomenta reflexões até então não compartilhadas, ou vistas sob determinado ângulo. Para acesso ao material de estudo, participação nos fóruns de discussão e postagens das atividades propostas, o professor é orientado a utilizar a plataforma moodle. É notório que a participação efetiva nas discussões em cada encontro tem crescido muito. Pode-se afirmar que a partir dessa iniciativa, o corpo docente do CEM 03, educadores da EJA, está bem mais motivado a construir ações

pedagógicas interdisciplinares que venham a somar significativamente com desenvolvimento de habilidades e competências dos seus educandos.

Durante aquela reunião a pesquisadora sentiu-se acolhida, tanto pelos coordenadores, como pelo grupo de professores. A professora coordenadora informou ao grupo de nossas disponibilidades (das duas pesquisadoras) em participar mais, com eles, e sugere que uma de nós contribuísse para o que a Secretaria de Educação - SEDF chamou de “Diário Reflexivo”, para aquele curso de formação com os professores.

A escrita para a qual fomos convidadas a fazer é uma espécie de relatoria, registros das falas, comentários, discussões, críticas, reflexões que o grupo expressa, durante suas participações nas reuniões presenciais para o curso. A coordenadora informou que os registros do “Diário Reflexivo” poderão dar base a textos de autoria dos professores e que, segundo promessa da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF, são textos que deverão ser publicados. A professora solicita que iniciemos escrevendo o seguinte parágrafo: “O grupo de professores se apresentou pessoal e profissionalmente, ressaltando suas experiências no Ensino Médio e na EJA”.

Com aquele segundo encontro, pensamos ter conseguido o início de uma convivência com os professores. Penso que possibilidades de contratualizações foram construídas e isso pode garantir consistência e alguma segurança para a realização de propostas pedagógicas coletivas com os estudantes e seus professores.

Consideramos os outros cinco encontros com o coletivo dos professores – foram sete ao todo, e mais nossa presença durante todas as noites da Semana de Ciências –, como um exercício favorável a uma pesquisa-ação existencial, radical. A partir do terceiro encontro com os professores, estivemos sempre em duas, na escola. Fomos credenciadas e autorizadas por aquele grupo de profissionais que nos incumbiram de tarefas, das quais nós tanto queríamos fazer parte, em um movimento de construções co-responsáveis. Até o dia 20 de maio, com apenas seis encontros com os professores, foram apresentadas por eles e prontamente aceitas por nós as seguintes demandas: 1) fazer a relatoria de todas as reuniões, até o final do ano, para a construção do “Diário Reflexivo”; 2) registrar toda a Feira de Ciências (12 a 16 de maio de 2014), editar as imagens e fazer um vídeo - que fizemos e apresentamos no último dia da feira; 3) realizar, com a professora coordenadora, um vídeo investigativo com os estudantes e seus projetos de vida - tema e tarefa para o curso de formação dos professores; 4) investigar o software livre "Geogebra" e fazer arte mista (reconfigurações digitais sobre

arte tradicional digitalizada) a partir de pinturas realizadas por uma professora daquele coletivo, com o objetivo de fazer arte e integrações disciplinares. Em uma reunião, ao final, quando os professores assinavam a lista de frequência, sugeriram que nossos nomes constassem na lista e que nós também assinássemos. Na próxima reunião nossos nomes já estavam lá, precedidos pela sigla “UNB”.

Ao final, comíamos e confraternizávamos juntos – na hora do lanche da escola e com as duas festinhas que aconteceram e para as quais fomos convidadas. Além disso, já nos sentindo inseridas ao grupo, na última reunião participamos um pouco das discussões teóricas e práticas para o curso de formação dele/as. Assim, nossas idas ao CEM 03 nos trouxeram muito bem estar. Concordamos com a noção de “técnicos sociais” de Barbier (2004, p. 17), reconhecemos e contamos com a capacidade reflexiva, investigativa e as inteligibilidades de professores em geral e, evidentemente, com as do/as professo(a)s do CEM 03. Durante nossa presença nos cinco dias para a Feira de Ciências, mesmo com o acúmulo de trabalho e a tensão de realizar o vídeo e apresentá-lo no último dia, sentíamos que nossas relações ficavam reforçadas, como o demonstrado por Macedo (2012, p. 34), em que

*“o fator vinculante significará não só comprometimento e compromisso, mas também vinculação social, cultural, existencial, profissional, erótica, espiritual, vivida e explicitada na pesquisa, a partir de uma experiência refletida de pertencimento, sabendo-se dos profundos motivos inconscientes e muitas vezes opacos que trabalham para que o conhecimento seja o que ele é”.*

Foi grande nossa alegria quando, vendo-nos sentadas, um professor que no início se mostrava sério e carrancudo, brincou conosco nos chamando de ‘paparazzi’, por causa do nosso trabalho com os registros fotográficos da feira. Nossos humores, bem como nossos vínculos estruturantes, certamente influenciarão nossos vínculos propositivos: qual/como será nosso objeto coletivo de pesquisa? Que relação terá com o objetivo de investigar a arte e a integração disciplinares para a formação dos trabalhadores da Educação de Jovens e Adultos - EJA?

Nos encontros com os professores, pudemos observar e nos divertir com as brincadeiras dele/as, alguns fazendo ironias e trocadilhos bem humorados... Chamaram-nos a atenção as visualidades expressivas de um professor que, durante uma reunião, colou fita adesiva em seu rosto para caracterizar um personagem (infelizmente, não

entendemos muito bem do que se tratou, pois estávamos concentradas fazendo a relatoria, apenas nos divertindo quando vi seu rosto e o aspecto que tomou, com aquela máscara que ele, de forma tão criativa e dionisíaca criou para desenvolver alguma reflexão, que perdemos). Em outro momento, ele usou os cabelos longos de outro professor, emoldurando sua própria cabeça, fazendo graça e se divertindo, caracterizando outro personagem... Os professores nos pareceram criativos, inteligentes, livres, críticos, bem humorados... É também com gosto que observamos e participamos de suas discussões, suas questões, seus imaginários.

Sentimo-nos momentaneamente mal, quando ouvimos comentários que vão de encontro a nossas concepções de educação. Contudo, a noção de que somos capazes de escutar o outro – sentindo-o, vendo-o, compreendendo-o a partir de suas existencialidades interiores, mesmo que tenhamos opiniões e sentimentos diferentes, encorajou nossa práxis, naquele momento.

A cada encontro oportunizado pelo horário de coordenações coletivas do CEM 03 saíamos ainda mais motivadas, com a intuição de estar em um rumo certo. Não sabíamos bem aonde e nem quando chegaríamos, mas algo nos movia até a escola; “Navegar é preciso, viver não é preciso”... Uma necessidade se impunha, junto com as imprecisões. Nós saíamos da UNB, ao final da tarde, já cansadas e meio atordoadas com as dificuldades e inseguranças da vida e da pesquisa; na volta do CEM 03, depois de aproximadamente quatro horas, sentíamos revigorada pela realidade da qual tomáramos parte e construíramos, com aqueles professore/as.

### **Considerações finais**

Em nossa escuta sensível dos acontecimentos – vimos, ouvimos, tocamos, sentimos cheiros, bebemos e comemos -, tanto tomando parte nas reuniões de coordenação coletiva com o CEM 03 quanto para a realização do vídeo “Ode a Ceilândia: narrativa audiovisual etnográfica”, inspiramo-nos em Barbier (2004, p. 85-99) e buscamos orientar-nos em suas seguintes noções: 1) buscar enxergar o quase invisível de nossas existencialidades internas: a rede complexa de interligações plenas de nossos significados e afetos pessoais, sociais / institucionais e espirituais, buscando apreendê-los para a pesquisa; 2) buscar pelas nossas empatias e o que nos afeta, tentando sentir o universo do outro, de seu interior, sem colocar nenhuma condição para

aceitar suas opiniões, mesmo aquelas mais difíceis para nós. Assim, tentamos criar uma espécie de vazio em nós – chão fértil para a coletiva construção de nosso objetivo de pesquisa, buscando uma atitude meditativa, centrada no aqui e no agora; apenas sentindo as coisas e os acontecimentos, sem urgências, deixando-os nos levarem, sem falar muito, tentando escutar o que não sabemos.

Para um possível prosseguimento de nosso trabalho investigativo formativo, a partir desse primeiro exercício com os professores do CEM 03, consideramos a necessidade imediata de três próximas providências, para o desenvolvimento pessoal de uma escuta sensível: 1) buscar por um “terceiro escutador” (BARBIER, 2004, p. 9) que possa ajudar-nos a escutar a nós próprias, para um trabalho com nossas angústias e desejos; 2) com isso, intentar atribuições de sentidos aos acontecimentos, de uma forma prudente; 3) construir, com o/as participantes, uma dinâmica para os retornos, avaliações e reorientações permanentes das interpretações atribuídas, como as discussões que intentamos com este texto, por exemplo. Além disso, depois das aproximações iniciais apresentadas, consideramos a pertinência do momento atual para o necessário estabelecimento de um contrato aberto entre nós, para o prosseguimento de nossas relações investigativas e existenciais.

Para esse trabalho contamos com as experiências que pudemos vivenciar, ao longo de nossas vidas; contamos com nossas formações e experiências profissionais; com nossas reflexões e leituras anteriores e com nossa experiência com as investigações de mestrado. Sobretudo, confiamos também nas possibilidades de aprendizagens e construções futuras, com as orientações para a investigação de doutorado, em um desafio de fazer uma pesquisa-ação existencial radical.

## Referências

BARBIER, René. **Abordagem transversal**: a escuta sensível em ciências humanas. Textos escolhidos. (Trad. Rogério de Andrade Córdova, do original “*L’approche transversale: l’écoute sensible em sciences humaines*”). Paris: Anthropos, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2004.

DALAI LAMA. **O universo em um átomo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos e o que nos olha**. Campinas, Editora 34, 1998.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

BASARABI, Nicolescu. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. In: **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília, UNESCO, 2000.